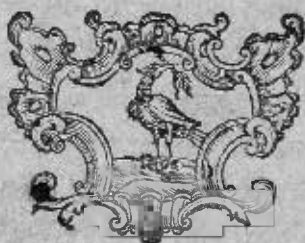


17

PERALTA
EM LOUVOR DAS MODAS,
O U
ESCUDO DE PERALTICE:

OBRA UTIL
A Velhos, e Velhas, Meninos, e Meninas,
COMPOSTA, E OFFERECIDA
AOS SENHORES PERALTAS,
E CASQUILHOS DE LISBOA
POR SEU AFFEIOADO SERVO

P. M. G. S. M.



L I S B O A
Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.
Anno 1783.
Com licença da Real Meza Censoria.

*Multa renascentur, quæ jam cecidere cadentque
Quæ nunc sunt in honore... si volet usus
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.*

Horat. in Arte.

FLORENTISSIMOS SENHORES

Peraltas , Xibantões , e Casquilhos
de Lisboa.

A Quella honra , e valor , que sómente herdei de meus avós , cujas façanhas ou o tempo as não respeitou , ou elles nunca as fizeram , forão quem me animou a declarar-me da vossa parte , no meio de tão frequentes batalhas , que as Musas freneticas vos tem dado nos vastissimos campos de huma Satyra descarada. Bem vejo que o meu auxilio he muito diminuto ; porém como hum pão com huma fatia accommoda mais , esta a razão porque alinharei este papelinho , a que levantei o falso testemunho de Satyra , e reverente vo-lo offereço. Se assentardes que nisto vos fiz algum beneficio , ou ao menos obsequio , recompensai mo com as vossas moedas de dez reis , a fim de que possa ser hum decente defensor do vosso partido , não só escrevendo , mas imitando o vosso affeio.

Valete.



E entre nos de bigode á fernandina,
Golilha por gravata, e pequenina
Capa dos altos hombros pendurada,
A trança pelas costas desatada,
Hum chapeo mui pequeno, e desabado,
Calças grandes, çapato desbicado,

Hum vaião circumspecto apparecêra,
Que pasmo aos nossos tempos não trouxera!

A elle a petulante rapazia

Em tropel das esquinas correria,
Como ao calvo Eliseu, ou *Man'el Coco*:

Qu'e serio senão ríra do descoco

Do tenaz antiquario? qu'importára,

Qu' elle co's braços grande voz alçára,

E dissesse gritando: „ Desta sorte

„ Arremedo esses filhos de Mavorte,

„ Qu'o Rei, e a Patria tant'authorisárão;

„ Eltes são os enfeites, que s'usárão

„ Naquelles bellos tempos já passados,

„ Em que por terra, e mares não trilhados

„ Os Lusos ajuntando gloria a gloria,

„ Ao templo s'elevárão da Memoria.

„ Os Albuquerque, Castros, e Sampayos

„ Terror dos Maratás, e dos Malayos,

„ Trajavão deste modo; assim vestidos

„ Se fizerão no Mundo conhecidos! „

Mas quem lhe não tornára: he bem verdade,

Que em tão antiga, e respeitosa idade

Desta maneira os homens s'arreavão,

Que sahião a campo, e triunfavão:

E devemos dizer, que aos seus vestidos
Tão famosos combates são devidos,
Quando co's mesmos com que triunfarão,
Desejadas victorias lhe escaparão?

Somos loucos, s'esforço attribuímos
Ao modo de trajar; que tempo ha vimos
Os nossos Portuguezes valorosos,
Sem jaquete, e sem calças belicóios
Das ribeiras partir, que o Tejo banha,
E a sustar os Leões d'altiva Hespanha!

Nada augmenta o valor de taes guerreiros
O pezo de huns canhões, e d' huns peneiros,
Huma vestia com abas desmarcadas,
Hum chapeo ordenado ás tres pancadas,
Cantos iguaes, o forro de carneira,
De rabixo enroscado, a cabeleira
Com seus anneis de atame ou ruça, ou loira,
Atestada por dentro de salmoira;
A' roda do pescoço mui justinho,
Seguro co' huma chapa o peitocinho;
Huns punhos té aos dedos alastrados,
Com muita roda, e todos recortados;
Calções sem alçapão de tripe feda,
Que andavão limpos a poder de greda;
Suas ligas de atar, meias riscadas,
Fivelinhas de prata pespegadas,
Em fima de huns çapatos desbicados,
Mui largos, e co's saltos esbeçados.

Não consiste o valor no atavio;
O desejo da gloria, a honra, o brio
Forão quem produzio tantos Atletas,
Pasmo do Mundo, assumpto dos Poetas:

Alguns me arguirão, que a nossa idade
'Sta muito corrompida da vaidade,
E se o traje valor não lhe infundia,

A carencia de luxo então seria;
Mas oxalá que o luxo, e vaidade
Não reinassem no Mundo em toda a idade.

Depois que os homens esquecer deixarão
Os tempos venturosos, que chamarão
Seculos d'ouro, desde a branca lá
A sua côr trocou na Asiria grã,
O luxo, e vaidade engatinhando,
Pouco, a pouco se forão levantando,
E seguidos de povos numerosos,
Se fizerão no Mundo poderosos:
Os faleiros nas mezas rutilarão,
Porfolanas, e prata as adornarão;
Com ouro fino as sedas se tecerão,
Bernes, veludos, telas se fizerão;
E a tal ponto chegou entre os Romanos,
Que em luxo forão pasmo dos humanos!

Porém volveudo a nós; que tem de mais
O ver em uso postos os metais,
Sedas, e bernes, chitas com fartura,
Hum fraque com mais esta cortadura,
Arrecuado atrás, ou por direito,
Gola mais larga, bandas sobre o peito,
Fivelas ou redondas, ou compridas,
Hum laço no chapeo, borlas cahidas?
Isto he luxo, assim he; porém seguido
Foi de nossos maiores: hum vestido
Com cascas d'alto a baixo, estas fechadas,
Botões aos centos, pregas escufadas,
Vesteis de mais da marca, e guarnecidas,
Não são couças por luxo produzidas?
Se hum roupão para o frio he mui bastante,
Usar outro vestido he ser farfante.

Nossas avós não tinham seus toucados.
Com papelão ao alto levantados?

Não tinham botões d'ouro na camisa;
 Fivelas de ouro aberto, ou prata liza,
 Brincos de preço, laços ao pescoço?
 Meus senhores, confesso que não posso
 Ouvir tanto ralhar: ha tal abuso!
 Em sahindo huma cousa fóra d'uso,
 Satyras logo: hum velho não consente;
 Senão o que elle usou; impertinente
 Mofa de quanto vé; e blasfemando
 Contra nós, o seu tempo idolatrando,
 Faz com fécas suarnos o topete,
 Louvando o velho, e ferio minuete,
 Chamando ás contradanças, dançarolas,
 Proprias de loucas, e de mariolas.

Mas não perde função; e pouco a pouco
 A'quelle que chamava d'antes louco,
 Imita sem rebuço; sai a campo,
 Nas assembléas faz seu pé de banco;
 E tenho muitas vezes reparado,
 Que nunca hum jarra podre, e desdentado;
 Que ralha dos enfeites, por seu par,
 A mais velha, e modesta vá tirar!
 Todo Adonis os braços requebrando,
 Os pés hum pelo outro embaraçando,
 Sua, e não larga! quantos deste lote
 Cantão sua modinha, dão seu mote
 Com alusão frecheira; e titubando
 Da boca enregelada a voz soltando,
 Finezas dizem, chorão anciados,
 O não ter menos trintanos costados;
 E ha tal ralhador da nossa falta,
 Que o cabello criou por ser Peralta!
 Que parece melhor? ver em Lisboa
 Onde o rodar dos coches tudo atroa;
 Onde tudo he magnífico, e invejavel;

Dos Cidadãos a turba innumeravel
 Em pardas saragoças embrulhada,
 Ou o garbo, e figura bem tirada
 De hum Peralta? a mais pobre senhorita,
 Sem outro ornato algum mais que hum fita,
 A sua capuchinha, e dous volantes,
 Excede as senhoraças mais xibantes
 Desses tempos, que os tempos já levirão,
 Sempre as coufas, senhores, se mudirão
 Do tempo á proporção, o que algum dia
 Os olhos recreava, hoje enfastia;
 E se nausea nos faz sempre hum comer,
 O trajar sempre o mesmo hade-a fazer.

Se observamos do bruto a natureza,
 Nós vemos, que rolando entre a aspereza
 De soltas pedras, ou de agreste mato,
 A cobra sibilando larga o fato;
 Muda o passaro as pennas, muda o pelo
 O dourado novilho, a ovelha, o velo,
 E muda a folha o bosque de anno em anno:
 E ter por coufa rara que hum humano
 Mude o seu traje, á proporção da idade,
 Que tenha no vestir-se variedade,
 Quando o Mundo he tão cheio de mudança!
 Querer que exista agora a antiga uiança,
 E não possa qualquer mudar de asleio,
 Sem que sirva de tranca ao olho alheio!
 Qu'rer que em coufas do tempo haja firmeza,
 He dar novo instituto á natureza.

Que importa o homem traje ao modo antigo;
 Se elle for do seu proximo inimigo,
 Soberbo, matador, e de impiedade
 Armado, for damnosó á sociedade?
 Que importa que o vestir use de agora,
 Que a rabuje dos velhos desadora?

Vista assim; ou affado; mas com tanto,
 Que respeite do Rei o nome santo,
 A Patria estime, cuide em ser honrado,
 Siga a Religião, sirva o Estado:
 Que tem o ext'rior co'as intenções?
 Nunca pendeo a gloria das Nações
 Do vestir dos seus póvos; a virtude,
 Ou dentro do veludo, ou borel rude,
 Tem o mesmo esplendor, o mesmo preço;
 Mas quem toma estas cousas do aveço,
 Ralha, e torna a ralhar dos seus nascidos,
 Imberrando no talhe dos vestidos!

Acafo porque tem a casca dura
 O miolo da amendoa he sem doçura?
 O veneno lançado em crystal fino,
 Acafo perde a essencia de malino?
 Tambem sabe a comida bem temp'rada,
 Em prata, como em barro ministrada.

Observem cada huns desabufados,
 Que fizerão louvavel os passados;
 Os defeitos lhe notem, maiormente
 No que ao Público, e a Deos he pertencente;
 Sigão o bem, desviem-se do mal,
 Que o trazer chapeo grande pouco val.

Mas *Porfino*, me dizem: já 'stou certo
 Não ser a moda tanto desacerto,
 Como té' qui julgava; mas tambem
 Por outra parte vejo muito bem,
 Terem razão aquelles, que mofando
 Da fofice do tempo, vão notando,
 Que a filha do sebento remendão
 Faz hoje em dia quasi o figurão,
 Que a daquelle que tem bastantes rendas;
 Ao fidalgo de granjas, e commendas,
 Imita o escrevente, o raboliita,

E o caixeiro do pobre capellista.

Respondo *Filo* eu sou desabusado,
E posto que da moda enamorado,
Não volto o rosto ao lume da verdade:
Isto que dizes faz-me novidade,
Mas não sou como aquelles mal dizentes,
Que apenas esses vem, já dentre os dentes
Lhe escorrega sem ter moderação,
Não he rico, e campea *ergo* ladrão.

De sorte que eu meu *Filo* bem diviso
A grande differença, mas juizo
Não posso formar certo, quando vejo,
Que o pobre çapateito o seu desejo
He que a filha xibante, de tal sorte,
Que á fome lhe será gostosa a morte,
Com tanto que ella em seia nunca ceda,
A' do outro, que arroja fina seda.
Elle na loja, e ella pospontando
Vem o Sol d'entre as nuvens espirrando,
E banhar-se nas ondas sem largar;
Ora não podem juntos grangear
Par' hum vestido, capa, e outras drogas,
Que vem tudo espremido a dar em fogas!
Vestido, que lhe serve para tudo,
E não veste com medo pelo entrudo!
Isto he máo? não respondes? *seja ou não*;
Porém pode o fazer sem ser ladrão.

Aquelle que tu vez sem ter real,
Trajando d'alto a baixo por igual,
Quem te diz lho não dá ou seu padrinho,
Ou a prodiga mão d'algun vizinho?

O caixeiro assim he que lucra pouco,
Porém por campear bebado, e louco,
Quanto prezo na loja ganha hum anno,
Gasta num' hora por sahir ufano.

O escrevente linhas estendendo,
A' luz da v'ela feitos revolvendo,
Quanto acolhe, de si duro inimigo,
Qual outro caracol leva consigo.

Eu mesmo a quem ventura não concede;
No lar paterno nem matar a sede,
Não ando gordo, nedio, e reparado
Do calor, e do Inverno congelado?
Deos sabe que o não furto: os meus amigos,
Que me escudão em tão crueis perigos,
Os papelitos mal alinhavados,
Vencem a mão de meus tyrannos fados.

Entra em casa de hum destes, olha atento,
Se placas, e se espelhos de espavento
As paredes lhe adornão; se cortinas
De damasco, se fofas bambolinas,
Lhe rematão as portas, e janelas;
Se bordado veludo, ricas telas,
Os bofetes lhe cobrem marchetados;
Se finos canapés, entrelaçados
Com ouro, se alcatifas, cobertores
De esquisitos franjões, belos labores;
Ornãõ seu aposento; se a gaveta
De moeda, ou penhores 'sta repleta;
Nada disto acharás, porque o coitado
Estende sobre taboas o costado,
Por sahir todo secio, e presumido,
E quanto avê estraga n'um vestido.
Isto he máo, assim he; quem diz que não?
Porem pode-o fazer, sem ser ladrão.

De sorte que hum escravo dos herdeiros,
Tem em mais do que a moda os seus dinheiros;
E antes quer andar esfarrapado,
Que largar hum real: não vai do estado
Em que as casas estão, vai das paixões;

Hum

Hum quer antes ter sacos de dobrões,
 Inda que morra á fome, e viva porco;
 O outro, vendo a casa vai de borco,
 Não deixa de nutrir a vaidade,
 E não lhe dá passar pela anciedade
 De viver empenhado, muito embora;
 Se elle o seu mal constante nunca chora;
 Hei de eu chorar-lho? *Filo* fora belo,
 Que dos humanos fosse outro o desvélo;
 Que cada hum, á proporção dos teres,
 Vestisse os seus filhinhos, e mulheres;
 Que, segundo as pessoas, fosse o estado;
 Mas se o Mundo de acordo está mudado,
 Que lhe havemos fazer? deixa-o campar.

Verdade seja a morte vem segar
 A todos pelo pé, sem differença
 Do que he pobre, ao que tem riqueza immensa:
 Bate á porta do fardido avarento,
 E banhado em suores, macilento
 Não quer largar as chaves do thesouro,
 Lembrando-lhe Deos menos, que o seu ouro!
 E a vida passada em porcaria,
 Em fardidez, e á fome, n'um só dia
 Lhe arranca para sempre: revolvendo
 Os já vidrados olhos está vendo
 O roto herdeiro abrir-lhe a sepultura;
 Aonde ha tanto tempo, em noite escura
 Tinha immenso dinheiro afferrollado;
 Não vê seu rosto de agoas inundado,
 Que para a casa, hum destes ver de borco,
 Não he menos que a morte de hum bom porco.

Eu a moda defendo: que o dinheiro
 Assim corre; desfruta o çapateiro,
 O alfayate, lucra o mercador,
 O ferigueiro, o sujo penteador,

Os generos se extrahem , e na verdade
Nisto consiste hum bem da sociedade.

Gaste , e torne a gastar no seu asleio
O flamante Peralta , mas no meio
Da sua peraltice não se esqueça ,
Que a vida acaba , apenas que começa :
Desvelado o Rei sirva , ame a Nação ;
E traga seda a montes de verão ,
Precioso veludo pelo inverno ,
Mas lembre-se da morte , adore o Eterno ;
Porque pôr sobre si novo atavio ,
Não he contra a virtude , a honra , e brio
Coufas só , que hum mortal deve buscar :
Obre-se assim , e ralhe quem ralhar.